

**O cinema documental e a construção da realidade e da memória
coletiva dos destinos turísticos
O caso da Serra da Estrela, Portugal**

DOI: 10.2436/20.8070.01.230

Nelson Clemente Santos Dias Oliveira

Doutor em Investigação em Comunicação. Universidade de Vigo, Espanha.

Professor adjunto no Instituto Politécnico da Guarda, Portugal.

Membro Integrado da UDI – Unidade de Investigação do Interior

E-mail: nelsonoliveira@ipg.pt

Resumo

As sociedades modernas têm vindo a reconhecer um papel central aos *mass media* no processo de formação da opinião pública acerca da generalidade dos assuntos do quotidiano. Foi assim desde as teorias e estudos pioneiros sobre os efeitos dos *media* e continua a ser com as teorias mais recentes que denotam um olhar renovado a partir de perspetivas comportamental, afetiva e cognitiva. O estudo que suporta este artigo foi alicerçado teoricamente em teorias da comunicação recentes, em particular na Teoria da Construção Social da Realidade articulada com a Teoria da Memória Coletiva. Pretendeu-se refletir na forma como os *media*, em particular a *sétima arte* podem contribuir para a construção da imagem dos destinos turísticos focalizando a atenção analítica no efeito das representações, por eles veiculadas, na perceção subjetiva da realidade das suas audiências. Procurou-se aferir a forma como as histórias mais frequentes, as problemáticas mais comuns, as imagens mais icónicas de personagens, acontecimentos e lugares, presentes num conjunto de documentários sobre a Serra da Estrela se refletem nas perceções coletivas dos portugueses acerca destes territórios. Com esse propósito analisaram-se 11 documentários rodados na Serra da Estrela, entre 1965 e 2020 e que tomaram a segunda mais alta montanha portuguesa como atriz principal. As principais conclusões apontam para uma certa similaridade na forma como, ao longo do período em análise, os territórios que enquadram a região da Serra da Estrela têm vindo a ser retratados, indiciando que os documentários são agentes ativos na formação das perceções plasmadas na memória coletiva destes territórios.

Palavras-chave: Documentário. Destinos Turísticos. Imagem. Perceções. Serra da Estrela.

1 INTRODUÇÃO

A Serra da Estrela é um objeto de pesquisa particular por designar territórios que são referências didáticas, geográficas, geológicas, paisagísticas e turísticas. A mais alta montanhosa de Portugal Continental, segunda mais alta do país, para além de ser um dos mais antigos e tradicionais destinos turísticos, enquadra, desde 1976 a maior área natural protegida em território nacional, o Parque Natural da Serra da Estrela e, desde 2020, um Geopark Mundial UNESCO, o Estrela Geopark, cujas iniciativas têm sido amplamente divulgadas nos meios de comunicação social e, por essa via, têm contribuído para que as suas paisagens, marcadas por fragas, rochedos, penhascos e espelhos de água, tenham vindo a ser cada vez mais conhecidas pelo grande público.

O carácter quase mítico desta região advém, ainda, do facto de se encontrarem referências a estes territórios, desde a antiguidade, em textos da autoria de escritores portugueses e estrangeiros. Isto porque autores intemporais como Luís Vaz de Camões, Gil Vicente ou o até agora único prémio nobel português, José Saramago, entre tantos outros, legaram textos ou excertos sobre esta região (OLIVEIRA, 2019). Mas também se podem encontrar alusões a estes territórios da responsabilidade de autores estrangeiros que, de alguma forma, tiveram contato com a região, seja em campanhas militares, como aconteceu com os legionários romanos ou com os soldados dos exércitos napoleónicos e ingleses, ou noutros contextos de viagens de lazer ou negócios ou, ainda, alavancadas por propósitos exclusivamente científicos.

Claro que os autores estrangeiros se preocuparam, antes de tudo, com a descrição destes territórios a partir do ponto de vista geográfico, ou da biodiversidade, com a curiosa exceção de Herman Melville que, na sua obra prima *Moby Dick* no Capítulo 41, edições completas, reproduz uma das mais recorrentes lendas da região: “So that here, in the real living experience of living men, the prodigies related in old times of the inland Strello mountain in Portugal (near whose top there was said to be a lake in which the wrecks of ships floated up to the surface)”.

O paradoxo de um país reconhecido, essencialmente pelos seus navegadores, ter referências aos seus mais inóspitos territórios do interior num dos mais célebres romances marítimos não se esgota no facto de não haver registo de que Merville tenha visitado a região. É também paradoxal que a Serra da Estrela, um território que dista cerca de três centenas de quilómetros da intemporal capital de Portugal, ser ainda, à data em que foi publicado *Moby Dick* (1850), um território mítico e periférico, num país que desde os anos 1400 estendeu os seus domínios a territórios da África, da América do Sul e da Ásia. Para além disso, merece ainda reparo que a primeira expedição científica realizada à Serra da Estrela, em 1881, tenha sido coordenada do ponto de vista logístico e comandada por Hermenegildo Capelo, que ganhou o seu lugar na história portuguesa à custa das expedições científicas em África. Ou seja, Portugal organizou expedições científicas em África, no Brasil e até na Ásia antes de organizar uma expedição sistemática ao território que um dia o célebre historiador Oliveira Martins apelidou de “coração de Portugal”.

No que a este trabalho importa, a Expedição Científica à Serra da Estrela de 1881, marca, precisamente, o desencadear do interesse científico por estes territórios. Muitas outras expedições e excursões científicas se lhe seguiram com o propósito de aprofundar os ramos científicos que integraram a grande expedição de 1881 e é plausível que essa efervescência científica, catalisada pelo misticismo da montanha, tenha cativado os pioneiros do novo *media* que estava a emergir, o cinema. De facto, a

partir do momento em que a tecnologia o permitiu, os cientistas procuraram registrar em imagem em movimento os territórios que palmilhavam transformando a montanha num dos cenários pioneiros da *sétima arte* em Portugal (OLIVEIRA, 2018) e gerando uma atração notável para o género documental.

Sabendo da importância da imagem para o sucesso dos destinos turísticos (GARTNER, 1986; CHOI, LETHO; MORRISSON, 2007; ALMEIDA, 2010; SILVA, 2011) e da importância do cinema para a construção da imagem dos territórios (DIAS, 2010; FERREIRA, 2010; DONAIRE, 2012; FERRANDO, REGUILLO, AFINOQUENOVA, 2015; OSÁCA MARZAL, 2016; SANTOS, PAULINO, 2016; DA SILVA BRITO, VIEIRA, PERINOTTO, 2019) neste trabalho pretende-se perceber até que ponto as histórias mais frequentes, as problemáticas mais comuns, as imagens mais icónicas de personagens, acontecimentos e lugares, presentes num conjunto de documentários sobre a Serra da Estrela refletem as perceções coletivas dos portugueses acerca destes territórios.

No entender dos *stakeholders* locais, o destino Serra da Estrela continua a sofrer do problema da sazonalidade, por emanar imagens dicotómicas, uma muito forte associada ao inverno e ao produto neve e outra, mais frágil, referente ao resto do ano e a outros produtos turísticos para os quais reúne potencialidades. Por essa razão, a hipótese que norteia este trabalho parte, precisamente, do pressuposto de que, ao longo dos tempos o cinema documental tem contribuído para essa situação por reforçar os atributos das imagens mais tradicionais.

Com esse propósito reuniram-se e analisaram-se 11 documentários, acumulados a partir dos arquivos da Radio Televisão Portuguesa (RTP) ou que tiveram sucesso em outras plataformas, com cenas rodadas nestes territórios, entre 1965 e 2020, com a preocupação que todas as décadas, desse intervalo, fossem representadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O documentário como género cinematográfico independente

A origem do género documental não é consensual, nem mesmo no seio daqueles que abordam o cinema numa perspetiva científica. Se há autores que associam o seu surgimento à génese do próprio cinema, *early cinema* (BATISTA, 2020), outros há que defendem que registos audiovisuais como a chegada de um comboio ou a saída de uma fábrica, por si sós, não preenchem os requisitos deste género cinematográfico. É certo que estas célebres imagens em movimento constituem documentos audiovisuais únicos e de extrema importância para a história do cinema, mas, na perspetiva do segundo grupo de autores, carecem da identidade de um verdadeiro filme documental, por serem registos desconexos, não agrupados, nem organizados com finalidades interpretativas (PENAFRIA et al 1999; RAMOS, 2008; FUENTE-ALBA, BASULTO-GALLEGOS, 2018). Ainda assim a oposição ao filme de ficção tornou-se o critério de definição privilegiado do género documental (ODIN, 2012), pois exige-se ao documentário, que comporte uma visão compreensiva da realidade humana por enviesada que essa interpretação possa ser, “tem como objetivo fundamental o testemunho e a reflexão sobre a realidade, partindo desta” (NOGUEIRA, 2010, p. 6). Ou, como sintetiza Ramos (2008, p. 22), deverá tratar-se de uma narrativa composta predominantemente por imagens autênticas nas quais os espectadores procuram significações que lhes permitam interpretar um mundo que lhes é exterior, num processo em que a “realidade” filmada ganha contornos de fenómeno mediático (BATISTA, 2020, p. 37).

Nesta perspectiva, como referem Penafria et al (1999), o cinema documental, com uma identidade própria, autónomo e distinto dos restantes, só reuniu as condições necessárias para o seu reconhecimento cerca da década de 30 do século XX, com o movimento documentalista britânico e deve obedecer a três princípios básicos: a obrigatoriedade de fazer um registo in loco da vida das pessoas e dos acontecimentos do mundo; apresentar as temáticas a partir de um determinado ponto de vista; e, finalmente, tratar com criatividade o material recolhido in loco, podendo combiná-lo com outro material (por exemplo legendas ou outro tipo de imagens).

Para além disso, para Nichols (2005, p. 20), na análise a este género cinematográfico há que prestar atenção à questão da veracidade, “a tradição do documentário está profundamente enraizada na capacidade de ele nos transmitir uma impressão de autenticidade” e, por essa razão subdivide o género documentário em dois grupos: ficção e não-ficção. Denominando o segundo grupo de “documentários de representação social”, por considerar que estes audiovisuais cristalizam a representação tangível do mundo, passado, presente e expectativas do futuro, a partir das perceções do cineasta. Isto, apesar de alguns autores, como Ramos (2008, p. 26), considerarem que um filme apenas pode ser enquadrado no género documental se as suas narrativas forem não ficcionais.

Nichols (2005, p. 47) sublinha, ainda, que um documentário não deverá fugir a uma determinada visão da realidade, sobre a qual as audiências nunca tenham refletido, ainda que os aspetos do mundo nela representados sejam familiares. Isto sem pretender que o cinema documental seja uma transcrição fiel da realidade, por se tratar de uma forma criativa de retratar a realidade, dependente das diferentes formas de representar o mundo ancoradas nas técnicas e estilos mais comuns à época em que os documentários são realizados, moldando por essa via o mundo histórico.

2.2 O cinema documental e as teorias da construção social da realidade e da memória coletiva.

A conceção de documentário de Nichols a par da de outros autores que se preocuparam, com a forma como este género cinematográfico flui a reconstrução do passado, a valorização do presente e a projeção do futuro (FUENTE ALBA, BASULTO-GALLEGOS, 2018; BATISTA, 2020), é particularmente interessante para este trabalho pois alude à estreita relação entre o cinema documental e as teorias da construção social da realidade e da memória coletiva.

Os pressupostos teóricos da teoria da construção social da realidade foram adaptados aos propósitos das ciências da comunicação pela mão de Gaye Tuckmann na sua obra *Making news. A Study in the construction of reality*, publicada em 1978 (WOLF, 1994). Nessa célebre obra, Tuckmann concebeu as notícias como “veículos da construção social da realidade”, por oposição aqueles que as consideravam “espelho da realidade”, naquilo que pode ser entendido como a passagem de um paradigma em que os teóricos da comunicação entendiam que as notícias e a verdade coincidiam, para um paradigma em que a função das notícias passou a ser ordenar, proporcionar novos pontos de vista e colocar os factos em relação uns com os outros, construindo, por essa via, uma imagem da realidade que os indivíduos possam interpretar (WOLF, 1994).

No âmbito da teoria de Tuckman os *mass media* são determinantes para a interpretação e a produção de sentido da realidade, porque veiculam e legitimam os valores e os quadros de referência dos indivíduos enquanto parte integrante da sociedade. Nesse processo desempenham um papel de dupla mediação, a “mediação

cognitiva”, quando transmitem notícias, relatam, criam símbolos, percepções e visões do mundo e uma “mediação estrutural” quando, ao narrarem os acontecimentos, estruturam a construção social da realidade (BRANDÃO, 2010, p. 130).

Neste trabalho, se a teoria da construção social da realidade pode ser mobilizada para compreender a percepção subjetiva dos indivíduos sobre uma dada realidade, a teoria da memória coletiva forjada pelo sociólogo Maurice Halbwachs, é imprescindível para explicar a emergência de percepções coletivas. Dito de outra forma, enquanto a teoria da construção social da realidade coloca a ênfase nos processos individuais de objetivar a realidade, a teoria da memória coletiva foca-se na forma como essas percepções, são interiorizadas pelo grupo e são legadas de uma geração para as seguintes.

Halbwachs (1990), defende que a formação das memórias coletivas resulta do confronto das lembranças individuais com as recordações de grupo. Diz-nos que embora as lembranças se formem num quadro da personalidade dos indivíduos, ou da sua vida pessoal, são evocadas no seio do grupo, pelo que elas são lembradas e mantidas como impessoais, na medida em que interessam ao grupo. Não obstante, se é verdade que a memória coletiva envolve as memórias individuais, não se confunde com elas, evolui segundo as suas leis, porque quando as memórias individuais a impregnam mudam de figura, ao ser cristalizadas em lembranças para lá da consciência pessoal. Ou seja, as memórias coletivas são construídas sobre fundamentos comuns, a partir dos pontos de contato coincidentes entre os depoimentos coletivos e a memória dos indivíduos. Ideia enfatizada por Nora (1993, p. 13), ao referir que as memórias são “sinais de reconhecimento e de potenciamento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos idênticos”. Dito de outra forma, os indivíduos não se lembram para além do que viram, fizeram, sentiram pensaram num dado momento.

Em suma, da articulação destas duas teorias com o propósito do presente trabalho, interessa reter que os indivíduos constroem a realidade a partir de um conjunto de informações em “segunda mão”, isto porque as narrativas, imagens e acontecimentos são reproduzidos, mas também questionados através dos *media*. Ou seja, as imagens provocam reações de estímulo e condicionam condutas, criam hábitos e canalizam consumos (FERRANDO, REGUILLO, AFINOQUENOVA, 2015, p. 844). Nesse processo de percepção da realidade, quando os indivíduos apelam às estruturas da memória para dar sentido às suas percepções a sua memória individual imbrica-se com a memória coletiva do seu grupo, de tal forma que a “realidade” que daí resulta é uma “realidade” ao mesmo tempo individual e coletiva. Quer isto dizer que os *media*, tanto de forma direta como indireta são instrumentos determinantes para a articulação da percepção da realidade dos indivíduos com as memórias coletivas da sua comunidade, num processo em que o cinema documental joga um papel muito importante.

2.3 O cinema documental e a problematização dos lugares e territórios.

A noção de território é reconhecidamente polissémica e tende a harmonizar-se com os propósitos e fins das diferentes áreas de conhecimento científico que, à vez, a sustentam teoricamente.

Perdem-se no tempo as referências aos territórios, pelo que é presumível que através dos desenhos e pinturas rupestres, os caçadores recolectores da pré-história estivessem a partilhar algum tipo de noção de território, fosse ele sagrado, referente a locais de caça ou espaços de recolha de alimentos. A própria História terá a sua génese umbilicalmente ligada à descrição dos soberanos e dos territórios sobre os quais

exerciam o seu domínio. Isto para não referir que a noção de estado-nação é sustentada, precisamente, pela existência de um território real ou imaginável. Nesta lógica a noção de território perde-se nos confins da História, mas sedimenta-se na Geografia, para quem o território se constitui, talvez, como o conceito basilar. Não obstante, a noção de território não interessa apenas à História e à Geografia, é transversal a outros campos científicos, que lhe conferem uma significativa diversidade conceptual.

Na aceção que interessa a este trabalho, vai além de mero cenário ou palco inerte e delimitado, em que ocorrem os processos sociais. Deverá ser entendido como um elemento determinante no processo de estruturação da realidade social que encerra nas suas fronteiras, de múltiplas formas, elásticas, permeáveis, instáveis e constituídas de fluxos contínuos de sentidos. É simultaneamente um espaço historicamente imaginado, apropriado pelos seus habitantes, intersubjetivo e motivado por interesses e realidades específicas que lhe atribuem sentido (BONNEMAISON, CAMBRÉZY, QUINTY-BOURGEOIS, 1996; GARCIA, 1996). Tal como refere Halbwegs (1990), não há grupo nem género de atividade coletiva que não tenha qualquer relação com um lugar. Quando um grupo humano vive muito tempo num território adaptado aos seus hábitos esse lugar fica impregnado de sentido para esse grupo, mesmo que as estruturas físicas desse território sofram modificações, elas continuarão a existir na memória coletiva dos grupos. No caso dos territórios emblemáticos, como a região da Serra Estrela, as paisagens assumem um carácter imaginável, tangível e experimentável. Para os indivíduos consubstanciam-se no verdadeiro palco das representações.

O papel do cinema documental na construção social da imagem coletiva dos territórios emerge da capacidade, deste género cinematográfico, retratar a dimensão espacial do passado veiculando imagens às quais as pessoas atribuem significados e representações. Ou seja, a paisagem é permeável a representações, percepções sociais e culturais, cujo enquadramento é necessariamente histórico e sociocultural exigindo uma interpretação contextual na qual o cinema no geral e documentário no particular, ainda que não sejam a única, nem porventura a principal fonte para a percepção dos territórios, desempenham um importante papel (SANTOS, PAULINO, 2010; FERRANDO, REGUILLO, AFINOQUENOVA, 2015; OLIVEIRA, 2018; OLIVEIRA, 2019; DA SILVA BRITO, VIEIRA, PERINOTTO, 2019). Para além disso, permitem resgatar ao esquecimento usos, costumes, tradições como acontece com os documentários etnográficos (Santos & Paulino, 2010) ou, fluem o “lugar - espetáculo, entendido como “um espaço que engloba, de forma reduzida, os elementos que constituem a cultura do lugar” (COSTA, 2018, p. 2).

E é por essa razão que no âmbito das ciências do turismo o recurso ao cinema em particular ao documentário como fonte de representações é frequente (FERRANDO, REGUILLO, AFINOQUENOVA, 2015; MARTINS, 2016; MARZAL, 2016; SANTOS, PAULINO, 2010; OLIVEIRA, 2018; GUISSONI, ALENCAR, 2020).

2.4 Os estudos sobre a imagem dos destinos turísticos

O conceito de imagem, como ideia abstrata, aplicada ao estudo de povos, continentes, países, regiões, territórios ou cidades decorre de uma problemática que mereceu, desde há muito, o interesse de várias áreas científicas tendo vindo a assumir uma importância basilar nos estudos do turismo a partir do início dos anos 70 (SILVA, 2011). Desde então, a tentativa de circunscrição do conceito de imagem, quanto mais não fosse para posterior operacionalização no intento da medição da imagem dos

diferentes destinos turísticos, tem sido uma tarefa recorrente nos estudos sobre o turismo (CARDOZO, TALAVERA, 2018).

Do esforço dos autores que se dedicaram a conceptualizar imagem das regiões no âmbito dos estudos turísticos, pode concluir-se, antes de tudo, que a definição de imagem tem vindo a sofrer mutações significativas ao longo dos tempos. Passou de uma lógica territorial para uma lógica mais implicada com as percepções afetivas, isto é, emocionais e com as próprias experiências dos indivíduos (Tabela 1).

Tabela 1 - Definições de imagem turística

AUTOR(ES)	DEFINIÇÃO
CROMPTON (1977)	Representações organizadas de um destino turístico no sistema cognitivo dos indivíduos.
LAWSON E BAUD-BOVY (1977)	Expressão de conhecimento, impressões, imaginação e pensamentos emocionais dos indivíduo-os acerca de um lugar.
GARTNER (1986)	Percepções dos turistas sobre as atividades e as atrações de um destino.
ASSAEL (1984)	Percepção global de um destino formada pelos indivíduos através de várias fontes de informação ao longo do tempo.
PHELPS (1986)	Percepções e impressões sobre um lugar.
GARTNER E HUNT (1987)	Impressões que uma pessoa tem sobre um lugar onde não reside.
EMBACHER E BUTTLE (1989)	Ideias e concepções criadas de forma individual ou coletiva sobre um destino turístico.
CHON (1990)	Resultado da interação entre as crenças, as ideias, os sentimentos, expectativas e impressões de uma pessoa sobre um lugar.
SANTOS (1994)	Representação mental dos atributos e benefícios de um lugar, assimilados por um turista.
PARENTEAU (1995)	Opinião favorável ou desfavorável dos consumidores e dos distribuidores sobre um destino turístico.
MACKAY E FESENMAIER (1997)	Impressão global composta por várias atrações e atributos do destino que se apresentam interligadas.
PRITCHARD (1998)	Impressão visual ou mental sobre um determinado lugar.
COSHALL (2000)	Percepções de um indivíduo sobre as características de um destino.
GIOIA, SCHULTZ E CORLEY (2000)	A imagem e o resultado da interação de todas as experiências, crenças, sentimentos, conhecimentos e impressões que cada pessoa tem sobre uma entidade ou um lugar.
BIGNÉ, SÁNCHEZ E SÁNCHEZ (2001)	Interpretação subjetiva do turista sobre a realidade de um destino turístico.
KIM E RICHARDSON (2003)	Totalidade de impressões, crenças, ideias, expectativas e sentimentos acerca de um lugar e, acumulados ao longo do tempo.
GONZÁLEZ, SANCHEZ E SANZ (2004)	Representações individuais ou coletivas que se operam sobre local ou país.
CHOI, LEHTO E MORRISON (2007)	A imagem e a compilação das crenças e das impressões baseadas na informação processada por diferentes fontes ao longo do tempo.
BIGNÉ, SANCHEZ E SANZ (2009)	A imagem de um destino e a percepção global na mente de um turista, tudo o que ele sente e sabe sobre esse destino.

Fonte: Adaptado de Almeida (2010) e Silva (2011)

De um modo geral verifica-se um relativo consenso em considerar a imagem como uma representação mental, com um elevado nível de abstração, baseada nas informações que os indivíduos reúnem sobre um determinado local/destino. As diferenças de conceção emergem da forma como os indivíduos reúnem essa informação.

Para alguns autores (GARTNER, 1986) essa recolha de informação é processada diretamente a partir de elementos tangíveis como as atividades e as atrações turísticas,

enquanto para outros (CHOI, LEHTO, MORRISON, 2007), a imagem resulta do conjunto de ideias, crenças e impressões (onde se incluem estereótipos), formadas a partir de diferentes fontes, ao longo do tempo.

Na prática, o que se verifica é que alguns autores colocam a ênfase na informação difundida pelo marketing turístico, enquanto outros defendem que antes desse tipo de informação chegar aos potenciais turistas, estes já terão sido “infetados” por um conjunto de informações, descontextualizadas, desconexas e desligadas que lhes permitiram estruturar um conjunto de ideias e crenças, inclusive de estereótipos, sobre esse local.

Em síntese, para o turismo, a imagem de um destino, mais do que o posicionamento mental que um indivíduo constrói da percepção e/ou interação com o conjunto de atributos e componentes turísticas de um local, resulta de toda a informação que o potencial turista consegue reunir, desde a que é do conhecimento geral sobre o local, disponível em material didático, mapas, internet ou reproduzida pelos mass media, que não raramente imbrica estereótipos, reforçada por ação de marketing, boca-a-boca e experiência pessoal (FERRANDO, REGUILLO, AFINOQUENOVA, 2015).

No caso da Serra da Estrela, em 2009 uma empresa de Comunicação e Imagem construiu um instrumento para avaliar as imagens das marcas-região das regiões de turismo de Portugal Continental, posteriormente adaptado em outros trabalhos (OLIVEIRA 2019). Nesse estudo criou-se um índice de atratividade resultante da articulação de oito variáveis e respetivos atributos: Clima Atmosférico (C); Paisagem Natural (PN); Paisagem Urbana (PU); Gastronomia (G); a População Local (PL); o Património Histórico (PH); Oferta Cultural e Social (OCS); Oferta Hoteleira (OH). Concluindo que os atributos da Serra da Estrela mais valorizados eram o Clima e a Paisagem Natural, mas que, ao mesmo tempo se assistia a um desconhecimento do Património Histórico, da População Local e de uma Oferta Cultural e Social que fosse além do lazer associado ao inverno.

Desse estudo emergiu uma da Serra da Estrela fortemente associada às pictóricas paisagens naturais, ao inverno e ao clima (neve), ou seja, a imagem tradicionalmente da região, considerada por alguns *stakeholders* do setor turístico como anacrónica e até adversa à atual estratégia turística, por sobrevalorizar o turismo sazonal de inverno.

3 METODOLOGIA

No que concerne ao objeto de estudo do presente trabalho, a Serra da Estrela é uma cadeia montanhosa que se situa no Centro de Portugal, no culminar da Cordilheira do Sistema Central da Península Ibérica, orientada a nordeste/sudoeste. Célebre por ser a montanha mais alta de Portugal Continental, pois atinge a altitude máxima de 1993 metros, no Planalto Central (Imagem 1), no ponto onde foi edificada uma torre que lhe atribuiu o topónimo e que, no território português, apenas é superada pelos 2 351 metros atingidos no ponto mais alto da montanha vulcânica do Pico, que se situa na Ilha do Pico, no arquipélago dos Açores (MARQUES, 1996). Os seus vastos territórios de altitudes médias elevadas, onde ocorre com alguma frequência o fenómeno meteorológico da queda de neve, fazem dela um dos destinos turísticos portugueses mais tradicionais, não só pelo produto neve, mas também por integrarem a maior área protegida do país, o Parque Natural da Serra da Estrela e um Geoparque sob a chancela da Unesco, o Geoparque Estrela. Do ponto de vista geográfico-administrativo não é fácil encontrar uma delimitação consensual pois os seus territórios distribuem-se por concelhos dos distritos da Guarda e de Castelo Branco.

Figura 1 - Vista panorâmica do Maciço Central da Serra da Estrela a partir dos Piornos



Fonte: Elaboração própria, 2021.

Relativamente à metodologia, este trabalho estruturou-se a partir da hipótese de que ao longo dos tempos o cinema documental tem contribuído para reforçar os atributos das imagens mais tradicionais da Serra da Estrela associadas aos rigores do clima atmosférico, às paisagens naturais e ao turismo sazonal de inverso, ao invés de veicular uma imagem mais abrangente da Serra como aquela a que os *stakolders* locais aspiram.

O enfoque ou metodologia de análise fílmica que suportou este texto foi influenciado pela perspectiva dos investigadores que defendem que a análise sistemática de um documento audiovisual implica dois momentos analíticos. O primeiro momento é de desagregação, separam-se os diferentes elementos com o propósito de serem descritos individualmente. Posteriormente, num segundo momento, procura-se estabelecer e compreender as relações entre esses elementos, isto é, dar sentido, interpretar (PENAFRIA, 2009; AUMOND, MICHEL, 2013).

No que diz respeito ao corpo de análise fílmica deste trabalho, a sua constituição obedeceu ao critério primordial de, dentro da oferta disponível, selecionar para análise, pelo menos um documentário que tenha tido como protagonista a Serra da Estrela, por década, desde o início das emissões regulares da Rádio Televisão Portuguesa (RTP), inícios da década de 1960, até à atualidade.

Recorreu-se esta opção metodológica porque são muitos os registos de cariz documental que podem ser encontrados, desde os primórdios do cinema até à atualidade, sobre o território em análise, pelo que se optou por selecionar alguns daqueles que terão tido maior audiência e/ou visibilidade, em dois momentos. Num primeiro momento reuniram-se os documentários disponíveis no repositório digital da RTP de forma a abranger equilibradamente o período de análise. Numa segunda fase, aos programas/documentários selecionados nos arquivos da televisão pública

portuguesa, juntaram-se três documentários divulgados internacionalmente: *Ainda há Pastores, Mondego e Altitude*, por terem sido premiados ou por terem merecido especial atenção da comunicação social.

Estes programas depois de visionados foram submetidos a uma grelha de análise (Tabela, 2) com o objetivo de enquadrar as imagens por eles veiculadas nos diferentes atributos associados à imagem da Região da Serra da Estrela decalcados do estudo referido anteriormente (OLIVEIRA, 2019).

Tabela 2 - Variáveis e indicadores da imagem turística

INDICADORES		
VARIÁVEIS	Clima Atmosférico (C)	Neve; Gelo; Temperatura / Amplitudes térmicas.
	Paisagem Natural (PN)	Geografia / Geologia / Montanhas / Encarpas / Fragas / Rochas; Fauna /selvagem / domesticada; Flora /plantas autóctones; Espelhos de Água /rios/ lagoas /barragens.
	Paisagem Urbana (PU)	Vistas urbanas / ruas; Características dos aglomerados populacionais; Construções típicas / emblemáticas.
	Gastronomia (G)	Gastronomia / pratos típicos; Vinhos; Produtos endógenos /queijo da Serra / enchidos / pão.
	População Local (PL)	Atividades laborais / pastores /queijeiras; Características físicas; Características morais.
	Património Histórico (PH)	Militar / castros / castelos: Religioso /igrejas /capelas / santuários. Civil / edifícios emblemáticos / fábricas; Artefactos.
	Oferta Cultural e Social (OCS)	Património Cultural / Material / Imaterial Lazer / festividades populares / contemplação; Desporto / desportos de aventura /desportos de inverno.
	Oferta Hoteleira (OH)	Hotéis Típicos; Restaurantes de referência; Outros alojamentos.

Fonte: Oliveira, 2019

4 RESULTADOS

4.1 A Serra da Estrela nos programas de carácter documental

Uma primeira incursão ao corpus de análise do presente trabalho permite evidenciar, desde logo, a disparidade dos objetivos destes documentários. Por exemplo *Serra da Estrela* (1965), *Serra da Estrela* (1970), *Parque Natural da Serra da Estrela* (1983), *Serra da Estrela* (1998) e *Serra da Estrela* (2003), têm propósitos de divulgação turística. *Zêzere* (1985), *Mondego* (1985), *Mondego* (2011) e *Altitude* (2016) são referentes à biodiversidade. *Ainda Há Pastores* (2006) será aquele que mais facilmente cairá na categoria de documentário com aspirações etnográficas enquanto *Serra da Estrela na pista da Expedição Científica de 1881* (2020) se dispersa um pouco pelas áreas científicas que integraram a famosa expedição.

Porventura os documentários que mais cumprem com os propósitos deste trabalho, por aportarem uma perspetiva holística, são aqueles que transportam, precisamente, a denominação da cadeia montanhosa nos respetivos títulos: *Serra da Estrela* (1965), *Serra da Estrela* (1970), *Parque Natural da Serra da Estrela* (1983), *Serra da Estrela* (1998) e *Serra da Estrela* (2003).

O primeiro desses documentários, emitido em 7 de junho de 1965 integrado na série Desporto e Natureza, é maioritariamente dedicado à apresentação da Serra da Estrela e das “suas potencialidades naturais com destaque para o projeto de uma reserva piscícola de trutas na Lagoa Comprida”. Trata-se de um documentário que muito terá contribuído para a sedimentação da imagem mais tradicional da Serra da Estrela (Tabela 3). Indissociável do frio, das paisagens naturais marcadas pelas formações rochosas mais emblemáticas e pelos desportos de inverno, mapeada no Maciço Central, rasgado pela estrada, Covilhã, Penhas da Saúde, Piornos, Torre, Seia, com referências aos nomes que provavelmente os visitantes mais associam à Serra da Estrela e que são visíveis e acessíveis exatamente por este eixo rodoviário. O móbil deste documentário foi a descrição da implementação de uma reserva piscícola de trutas, a referência a Manteigas e aos viveiros das trutas surge como complementar.

Tabela 3 - Indicadores da imagem da Serra da Estrela identificados em Serra da Estrela (1965)

Serra da Estrela 1965							
Variáveis							
Clima	Paisagem Natural	Paisagem Urbana	Património Histórico	Oferta Cultural e Social e Desportiva.	População Local	Gastronomia	Oferta Hoteleira
Frio.	Espelhos de água; Espinhaço de Cão; Lagoa de Viriato; Lagoa Vale do Rossim; N. Sra da Boa Estrela; Nave de Santo	Covilhã; Manteigas; Viveiro das Trutas; Penhas da Saúde; Penhas Douradas; Seia; Estância de Esqui; Torre; Infraestruturas.		Pesca. Esqui.	Turismo.	Trutas.	

António;
Piornos;
Vale Glaciar.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Tal como o documentário homónimo, de 1965, o documentário *Serra da Estrela*, emitido em 18 de junho de 1970, integrado na série Ponto de Vista – Turismo, também circunscreve a região ao Maciço Central e às localidades que o enquadram, Covilhã, Penhas da Saúde, Seia e Manteigas (Tabela 4).

Neste documentário, por entre referências aos principais locais e formações geomorfológicas da Serra da Estrela, é ainda mais evidente a associação do território à neve e aos desportos de inverno, até porque é contemporâneo das fortes expectativas em relação à construção do “famoso” teleférico da Serra da Estrela que, paradoxalmente, não chegou a funcionar¹. De resto, este é o primeiro documentário assumidamente de cariz turístico, pois apresenta-nos uma “Serra da Estrela como destino turístico de eleição, com destaque para a beleza da sua paisagem, os desportos de inverno, a pesca e o montanhismo” (Tabela 4).

Tabela 4 - Indicadores da imagem da Serra da Estrela identificados em Serra da Estrela (1970)

Serra da Estrela 1970							
Variáveis							
Clima	Paisagem Natural	Paisagem Urbana	Património Histórico	Oferta Cultural e Social e Desportiva.	População Local	Gastronomia	Oferta Hoteleira
Frio; Gelo; Neve.	Biodiversidade; Cântaro Magro; Covão D’Ametade; Covão do Boi; Espelhos de Água; Espinhaço de Cão; Maciço Montanhoso; Nave de St. António; Paisagens com Neve; Pedra do Urso; Piornos; Rio Mondego; Rio Zêzere; Vale Glaciar do Zêzere.	Covilhã; Manteigas; Penhas da Saúde; Teleférico. Torre.		Animação sazonal; Carnaval; Animação sazonal Natal; Animação sazonal Páscoa. Desportos de Inverno; Pesca; Esqui.	Pastorícia; Turismo.		Estalagem; Estância de Montanha; Hotéis; Pousada da Juventude.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Quanto ao documentário *Parque Natural da Serra da Estrela*, emitido em 14 de novembro de 1983 e integrado na série *Respire-Ar*, trata-se de um dos mais completos exemplos da divulgação turística integrada desta região, bem patente na sua sinopse “A

¹ A história do teleférico da Serra da Estrela, cuja controvérsia dura há mais de meio século, continua bastante presente. Tratou-se de um projeto iniciado em 1960 e no qual foram gastos 5 milhões de euros (na moeda atual), e que o Governo de Salazar defendia como alavanca fundamental para o desenvolvimento do turismo. A teoria oficial é de que o teleférico não chegou a funcionar porque sofria de problemas de segurança, mas há quem defenda que a razão foi outra. Há quem defenda que nunca funcionou porque a Força Aérea rasgou uma estrada para ter acesso às infraestruturas dos radares na Torre, por volta de 1964 e que posteriormente com o 25 de Abril a falta de dinheiro inviabilizou a sua entrada em funcionamento. <http://www.jornaldofundao.pt/noticia.asp?idEdicao=107&id=9502&idSeccao=1012&Action=noticia>

paisagem natural e a biodiversidade do Parque Natural da Serra da Estrela, e o modo de vida dos habitantes locais”.

Neste documentário estão presentes todas as variáveis que permitem avaliar a imagem (marca) de uma região, ainda que o enquadramento seja feito pelo Parque Natural (Tabela 5). Em relação ao património construído, são referidas as localidades de Linhares, Torre, Manteigas e Casais de Folgosinho.

Tabela 5 - Indicadores da imagem da Serra da Estrela identificados em Parque Natural da Serra da Estrela (1983)

Parque Natural da Serra da Estrela 1983							
Variáveis							
Clima	Paisagem Natural	Paisagem Urbana	Património Histórico	Oferta Cultural e Social e Desportiva	População Local	Gastronomia	Oferta Hoteleira
Frio; Gelo; Neve.	Biodiversidade, Cão da serra; Covão D'Ametade; Covão de Baixo; Espelhos de água; Lagoa Comprida; Maciço Central; Paisagens com neve; Rio Mondego.	Casais de Folgosinho; Estância de Esqui; Linhares; Manteigas; Torre.	Castelo de Linhares.	Escalada; Montanhismo; Esqui.	Agricultura; Apicultura; Pastorícia; Turismo.	Enchidos; Mel; Pão; Queijo Serra da Estrela.	Hotel; Pousada.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Também o programa *Serra da Estrela* (1998), selecionado entre a vasta série de programas televisivos dedicados à cordilheira e às cidades e vilas limítrofes na Serie Horizontes da Memórias de José Hermano Saraiva, problematiza a vocação turística da Serra da Estrela, ainda que numa perspetiva crítica, tão característica do célebre historiador.

Com efeito, num documentário cujas primeiras cenas foram rodadas “a partir de um lugar que não é norte, nem sul, nem leste, nem oeste” no “coração de Portugal como lhe chamou Oliveira Martins”, José Hermano Saraiva, na narrativa crítica que lhe era característica, discorreu sobre a oferta turística da Serra da Estrela no final do século XX, permitindo-nos uma viagem do clima às paisagens, do lazer à gastronomia, do património histórico às atividades económicas, passando pela oferta cultural e por considerações acerca da população local (Tabela 6).

O início do século XXI trouxe um olhar renovado para a Serra da Estrela. No programa, *Serra da Estrela*, da Série Descobrir Portugal de 2003, os apresentadores Eládio Clímaco e Isabel Angelino convidam-nos a visitar estes territórios na “certeza da descoberta de paisagens de rara beleza”. Numa visita encetada pelo ponto mais alto da Serra da Estrela e que depois vai, paulatinamente, descendo para o sopé da montanha, à medida que nos vão sendo apresentadas as paisagens mais emblemáticas e as principais referências turísticas, a montanha emerge dos territórios que a enquadram.

Tabela 6 - Indicadores da imagem da Serra da Estrela identificados em Serra da Estrela (1998)

Serra da Estrela 1998							
Variáveis							
Clima	Paisagem Natural	Paisagem Urbana	Património Histórico	Oferta Cultural e Social e Desportiva.	População Local	Gastronomia	Oferta Hoteleira
Frio; Grandes Amplitudes Térmicas; Gelo; Neve.	Cântaro Magro; Cova da Beira; Covão D'Ametade; Lagoa Comprida; Lagoa do Padre Alfredo. Maciço Central; Montanhas; Paisagens com Neve; Planalto da Torre; Rio Zêzere; Vale Glaciar.	Covilhã, Ruínas dos incêndios; Torre; Universidade da Beira Interior.	Aldeias Históricas	Desportos de Aventura; Desportos de Inverno; Escalada; Museu dos Lanifícios.	Lanifícios; Pastorícia; Profissões Ligadas ao setor universitário.	Queijo Serra da Estrela; Pão do Sabugueiro.	Estalagem Varanda dos Carqueijais.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

No que concerne ao território descrito este é o documentário que abrange uma maior área territorial, uma vez que a visita se estende mesmo até Almeida, na fronteira com a Espanha (Tabela 7). Com efeito, este será talvez o documentário que presta mais atenção às paisagens urbanas da região com a particularidade dessa descrição emanar das palavras de figuras públicas como: o músico João Gil, que nos explica como é aconchegante o frio da região; como o “pai do primeiro satélite português”, o cientista Carvalho Rodrigues que nos fala na área referente ao distrito da Guarda; ou como José Hermano Saraiva que nos encanta ao aludir a Seia. Fala-se ainda da Covilhã, apresentada como mais do que uma porta aberta para a Serra, como a Cidade Neve e Cidade Lã, com a particularidade de o Museu dos Lanifícios ter sido visitado sem se mencionar a Universidade da Beira Interior em cujas instalações está sediado. A cidade da Guarda é descrita como uma cidade monumental, cujo destino a confirmou como cidade baluarte nacional. Na cidade de Seia, por lapso apelidada de vila, o documentário relevou, essencialmente, as questões da gastronomia: a “Rota das Calorias”, visitou o Museu do Pão e deixou antever os rebanhos de ovelhas, cujo leite produz o talvez mais emblemático produto gastronómico da região, escoltadas pelos seus célebres guardiões, os cães, por entre igrejas capelas e outras paisagens cativantes. Em Manteigas, a típica povoação de montanha, destaca-se a biodiversidade e a geomorfologia que a caracterizam. Apesar de votar mais atenção ao “Inverno branco” não deixam de ser referidas as outras estações do ano: “explosão de cores na primavera, o verão em tons de amarelo a esfumarem-se nas cores do outono, nas chuvas e nos ventos e de novo na neve que com tempo adquire a sua beleza”. Outra particularidade deste documentário é ter-se preocupado com valências turísticas a que a maioria dos outros prestaram escassa

atenção, como a pista sintética de esqui de Manteigas, o campo de golfe de Gaia, Belmonte, ou o centro hípico de Almeida!

Tabela 7 - Indicadores da imagem da Serra da Estrela identificados em Serra da Estrela (2003)

Serra da Estrela 2003							
Variáveis							
Clima	Paisagem Natural	Paisagem Urbana	Património Histórico	Oferta Cultural e Social e Desportiva.	População Local	Gastronomia	Oferta Hoteleira
Neve; Frio; Amplitudes Térmicas.	Maciço Central; Nascente do Mondeguinho; Vale Glaciar do Zêzere; Blocos Erráticos; Vales; Geomorfologia.	Torre; Cabanas típicas; Manteigas; Seia; Covilhã; Almeida; Guarda; Belmonte; Chalés de Montanha.	Museu dos lanifícios; Museu do pão; Castelo de Belmonte; Sé da Guarda; Torre dos Ferreiros; Guarda; Judiarias; Praça-Forte de Almeida.	Esqui; Pista de Esqui; Sintética; Golf; Hipismo.	Séria; Honesta; Resiliente; Pastores; Lanifícios; Multicultural; Religiosa.	Pão; Queijo da Serra da Estrela	

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Os outros documentários do acervo do arquivo online da RTP, *Zêzere* (1985), *Mondego* (1985) não têm a Serra da Estrela como atriz essencial. O documentário *Zêzere*, emitido em 13 de fevereiro de 1985, inserido na série Rios de Portugal, por entre algumas descrições de cariz etnográfico referentes às gentes da Serra da Estrela, descreve “O rio Zêzere e o seu percurso, desde a nascente no alto da Serra da Estrela, até à confluência com o rio Tejo perto da vila de Constância.

Sendo o segundo maior rio exclusivamente português, os seus grandes caudais constituem uma importante riqueza hidroelétrica, aproveitada pelas barragens de Bouçã, Cabril e Castelo de Bode”. No que a este texto importa, são projetadas e verbalizadas referências ao Vale Glaciar do Zêzere e povoações que o enquadram, nomeadamente a Manteigas, aos pastores, e aos produtos gastronómicos mais típicos da região nomeadamente o pão e o queijo da Serra da Estrela (Tabela 8).

Tabela 8 - Indicadores da imagem da Serra da Estrela identificados em Rio Zêzere (1985)

Rio Zêzere (1985)							
Variáveis							
Clima	Paisagem Natural	Paisagem Urbana	Património Histórico	Oferta Cultural e Social e Desportiva.	População Local	Gastronomia	Oferta Hoteleira
Frio; Neve.	Biodiversidade; Cântaro Magro; Fonte Paulo Martins; Maciço Central; Montanhas; Paisagens com	Manteigas; Pontes; Valhelhas; Viveiro das Trutas.			Agricultura; Pastorícia.	Pão; Queijo da Serra da Estrela.	

Neve.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Com propósitos similares, até por ter sido transmitido em 6 de fevereiro de 1985, integrado na mesma série, Rios de Portugal, é o documentário *Mondego*, que procura descrever “O maior de todos os rios que têm o seu curso inteiramente em Portugal, o Mondego, nasce na Serra da Estrela e tem a sua foz no Oceano Atlântico, junto à cidade da Figueira da Foz. É o rio que banha a cidade de Coimbra, e talvez por isso o mais cantado na poesia e cancionero português”. No entanto, apesar de pertencer à mesma série do documentário referido anteriormente, *Mondego* não tem um cariz tão etnográfico, pelo contrário é assumidamente mais poético, não fosse o rio mais cantado pelos estudantes de Coimbra. Ainda assim, são facilmente identificáveis, referências à Serra da Estrela, nomeadamente às formações geomorfológicas que enquadram a sua nascente, à pastorícia e à agricultura, e consequentemente ao queijo da Serra da Estrela, bem como à vila de Manteigas (Tabela 9).

Tabela 9 - Indicadores da imagem da Serra da Estrela identificados em Rio Mondego (1985)

Rio Mondego (1985)							
Variáveis							
Clima	Paisagem Natural	Paisagem Urbana	Património Histórico	Oferta Cultural e Social e Desportiva.	População Local	Gastronomia	Oferta Hoteleira
Frio; Gelo; Neve.	Biodiversidade; Corgo de Mós; Espelhos de água; Maciço Central; Montanhas; Paisagens com neve.	Aldeias; Manteigas; Pontes.		Escalada.	Lanifícios; Pastorícia.	Queijo da Serra da Estrela.	

Fonte: Elaboração própria, 2022.

No que diz respeito aos documentários que integram o corpus desta análise e que não foram recuperados do arquivo *online* da RTP, *Ainda há Pastores* (2006), *Mondego* (2011) e *Altitude* (2016) têm em comum, a curiosidade de partilharem alguns locais de filmagem.

O documentário de Daniel Pinheiro, *Mondego* (2011) que resulta de um trabalho final em formato de documentário de vida selvagem, apresentado à Universidade de Salford, no Reino Unido, classificado com distinção, é o que mais difere de todos os outros até agora apresentados. Como o próprio nome indica, tem como mote o maior rio que nasce em Portugal, a paisagem natural que o enquadra e a fauna e flora que nutre. Ao contrário do documentário homónimo descrito anteriormente, prestou escassa atenção à cultura, atividades socioeconómicas e tradições da Serra da Estrela, debruçando-se quase em exclusivo na sua peculiar biodiversidade (Tabela 10).

Tabela 10 - Indicadores da imagem da Serra da Estrela identificados em Rio Mondego (2011)

Mondego (2011)							
Variáveis							
Clima	Paisagem Natural	Paisagem Urbana	Património Histórico	Oferta Cultural e Social e Desportiva.	População Local	Gastronomia	Oferta Hoteleira
Frio; Gelo.	Biodiversidade; Formações rochosas; Montanha; Parque Natural;						

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Também no documentário *Altitude* (2016), a preocupação central foi retratar “A Serra da Estrela como nunca a viu”. Trata-se de um documentário que transporta o espectador para as zonas mais selvagens da segunda mais alta montanha portuguesa, dando especial destaque à biodiversidade que coexiste nos planaltos, vales e encostas fervilhantes de vida dos vastos territórios reunidos no maior parque natural de Portugal (Tabela 11).

Tabela 11 - Indicadores da imagem da Serra da Estrela identificados em Altitude (2016)

Altitude (2016)							
Variáveis							
Clima	Paisagem Natural	Paisagem Urbana	Património Histórico	Oferta Cultural e Social e Desportiva.	População Local	Gastrono.	Oferta Hoteleira
Frio; Grandes Amplitudes Térmicas; Gelo; Neve.	Biodiversidade; Cabeça da Velha; Cântaro Magro; Espelhos de água; Formações Rochosas; Lagoas; Maciço Central; Montanhas; Paisagens com neve; Rio Alva; Rio Mondego; Rio Zêzere. Vale Glaciar do Mondego.	Aldeias de xisto; Linhares; Videmonte.	Castelo de Linhares		Agricultura; Pastorícia; Turismo.		

Fonte: Elaboração própria, 2022.

O oposto, exatamente, do que acontece com o documentário de Jorge Pelicano *Ainda há Pastores* (2006), cuja preocupação foi retratar o modo de vida duro e solitário dos últimos pastores da Serra da Estrela. Trata-se de um documentário premiado em Portugal e além-fronteiras, que como o próprio nome indica, conta a história dos últimos pastores de Casais de Folgosinho, um lugar rasgado pelo rio Mondego, no

coração da Serra, onde à data ainda não havia chegado nem o asfalto, nem a eletricidade. Por entre planos e imagens de rara beleza, Jorge Pelicano dá-nos a conhecer com uma maestria inusitada num jovem realizador, a identidade dos pastores que encontrou naquele local, outrora cheio de rebanhos e de vida. Este documentário é pertinente também pelo seu carácter etnográfico, pois durante o período em que Jorge Pelicano filmou aqueles territórios, entre 2001 a 2005, fruto das sistemáticas deslocações à Serra, nos dias mais gelados de inverno, nos dias mais amenos da primavera ou nos mais quentes dias de verão, acabou, por entre as refeições que partilhou e as noites que pernoitou junto dos pastores, ir estreitando laços com Hermínio, o mais jovem pastor da Serra, que levava uma vida dura, num dilema constante entre a responsabilidade de ser o último pastor e a vontade de partir. Como resultado Jorge Pelicano lega-nos um documentário que imortaliza a vida dura e solitária dos pastores da Serra que tradicionalmente moldam o carácter na rudeza e isolamento da montanha (Tabela 12).

Tabela 12 - Indicadores da imagem da Serra da Estrela identificados em Ainda Há Pastores (2016)

Ainda Há Pastores (2006)							
Variáveis							
Clima	Paisagem Natural	Paisagem Urbana	Património Histórico	Oferta Cultural e Social e Desportiva.	População Local	Gastronomia	Oferta Hoteleira
Frio; Gelo; Neve.	Cântaro Gordo; Cântaro Magro; Maciço Central; Montanhas; Paisagens com Neve; Rio Mondego.	Gouveia; Guarda; Manteigas; Sameiro; Vale de Estrela.	Museu dos lanifícios.	BTT; Caminheiros.	Pastorícia.	Queijo Serra da Estrela; Enchidos tradicionais.	

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Por último, em relação ao programa mais recente que integra o corpus deste trabalho *Serra da Estrela na Pista da Expedição Científica de 1881*, emitido a 14 de setembro de 2020, como o próprio título indica, pretende de alguma forma celebrar o interesse científico votado a estes territórios por cientistas das mais diversas áreas. Num documentário quase todo rodado no Maciço Central da Serra da Estrela e com a intervenção de três personagens, a apresentadora Paula Moura Pinheiro, a investigadora Helena Gonçalves Pinto, autora de diversas publicações acerca da expedição científica à Serra da Estrela de 1881 e o biólogo do Cise (Centro de Interpretação da Serra da Estrela) José Conde, a Serra, adjetivada de “A Nossa Montanha Mágica” é descrita como um território mítico com paisagens magníficas, vertiginosas e agrestes. O Grosso da narrativa tece-se ao entorno das características climáticas, geográficas e do foro da biologia que tornam estes territórios singulares em Portugal e que motivaram a expedição científica realizada entre 5 e 19 de agosto de 1881 integrando mais de 100 pessoas entre as quais se destacam os cerca de 70 cientistas de várias áreas (Agronomia e Silvicultura, Antropologia, Arqueologia, Botânica, Etnografia, Fotografia, Geologia, Hidrografia, Jornalismo, Medicina, Meteorologia, Oftalmologia, Química, Topografia, Trabalhos Clínicos, Zoologia, Zootécnica) e coordenada pelo herói das campanhas africanas de Hermenegildo Capelo. No programa dá-se uma ênfase especial às

experiências médicas que estiveram na base do aproveitamento da região para o termalismo e para os sanatórios de combate à tuberculose que cristalizaram a imagem da “serra da saúde” (Tabela 13).

Tabela 13 - Indicadores da imagem da Serra da Estrela identificados em Serra da Estrela na Pista da Expedição Científica de 1881 (2020)

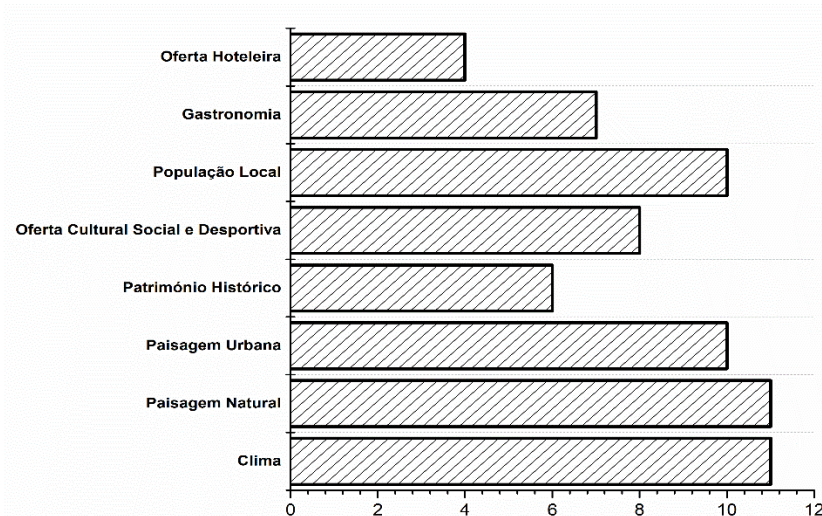
Serra da Estrela na Pista da Expedição Científica de 1881 (2020)							
Variáveis							
Clima	Paisagem Natural	Paisagem Urbana	Património Histórico	Oferta Cultural e Social e Desportiva.	População Local	Gastronomia	Oferta Hoteleira
Frio; Grandes Amplitudes térmicas.	Biodiversidade; Maciço Central; Lagoa Comprida; Lagoa Escura; Rio Zêzere; Rio Mondego.	Sanatórios; Covilhã; Guarda; Penhas da Saúde; Penhas Douradas; Unhais da Serra.	Sanatórios; Termas.	Termas; Serra da Saúde.	Pastores; Guias da Montanha; RI 13 Guarda; Transumância.		Casas da Saúde.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

4.1 Análise do corpus de programas televisivos de carácter documental.

Quando decompostos e triados com recurso à grelha de análise desenvolvida para estudar a imagem de marca região (Tabela 2), a primeira constatação que se retira logo à partida é que as variáveis da imagem da Serra da Estrela referidas mais frequentemente neste corpus fílmico são o Clima e a Paisagem Natural, com evidências em todos os documentários, ou não fossem estes atributos que singularizam este território (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Variáveis referidas nos documentários que constituem o corpus fílmico deste trabalho



Fonte: Elaboração própria, 2022.

Mais interessante por ser menos obvio, será o facto de se verificar que as variáveis menos difundidas foram a Oferta Hoteleira, o Património Histórico e a Gastronomia.

Como vimos atrás, o corpus fílmico que sustentou este trabalho é bastante heterógeno, pelo que a tabela 14 permite aferir o envolvimento dos diferentes documentários com os seus propósitos. Com efeito os documentários de cariz mais turístico são, precisamente, aqueles que agregam mais atributos das diferentes variáveis, como é o caso dos documentários *Parque Natural da Serra da Estrela* (1979) e *Serra da Estrela da série Horizontes da Memória* (1998), *Serra da Estrela* (2003), embora isso não queira dizer que as fragilidades de determinadas variáveis não estejam patentes nestes documentários. Por exemplo a Gastronomia apenas é evocada para pouco mais do que referir o principal ícone gastronómico destes territórios, o queijo da Serra da Estrela, os enchidos, o mel e o pão.

Merece ainda reparo a variável População Local, porque tende a surgir imbricada às atividades socioeconómicas mais tradicionais nestes territórios, lanifícios, pastorícia, agricultura e, a partir do século XX, turismo, com a particularidade de as profissões relacionadas com as sociedades tecnológicas, não obstante serem duas as instituições que a enquadram, o Instituto Politécnico da Guarda a Norte e a Universidade da Beira Interior a Sul, serem referidas apenas no documentário de José Hermano Saraiva (*Serra da Estrela*, 1998). Ou seja, as narrativas destes documentários tendem a reproduzir a imagem da Serra da Estrela associada às atividades próprias das sociedades de um Portugal tradicional que sobrevive, predominantemente, nas memórias coletivas, alimentadas pelo reforço induzido pela imagem veiculada pela comunicação social (OLIVEIRA, 2019). De resto, os dados apresentados na tabela 14 confirmam a debilidade de certas variáveis, por exemplo o Património Histórico, poucas vezes referido, principalmente quando confrontado com a sua presença e importância na região. Também a Oferta Social e Cultural bem como a desportiva se fica, na maior parte dos casos, pelos desportos de natureza e de inverno, assim como as oportunidades de alojamento que servem estes territórios, às quais apenas quatro documentários prestam escassa atenção.

Para finalizar esta análise importa fazer um exercício pertinente, quando se refletem territórios emblemáticos, como é o caso: mapear os territórios em análise a partir dos topónimos referenciados nas narrativas. Neste corpus fílmico as localidades/lugares associadas à Serra da Estrela distribuem-se pelos concelhos da Covilhã, Manteigas, Gouveia, Guarda e Seia, com exceção de Serra da Estrela (2003) que alarga a região da Serra da Estrela até Almeida e inclui Belmonte. Estes territórios que não coincidem com nenhuma das delimitações da região da Serra da Estrela (administrativas ou geográficas), compõem mais um indício de que a demarcação dos territórios, por vezes, é mais imaginária do que real, ou seja, resulta dos complexos processos de construção social da realidade em articulação com as memórias coletivas.

Tabela 14 - Documentários dedicados, total ou parcialmente, à Serra da Estrela

DOCUMENTÁRIOS	VARIÁVEIS								
	Clima	Paisagem Natural	Paisagem Urbana	Património Histórico	Oferta Cultural Social e Desportiva.	População Local	Gastronomia	Oferta Hoteleira	
A SERRA DA ESTRELA (1965) 15 M	X	X	X		X	X	X		
A SERRA DA ESTRELA (1970) 18 M	X	X	X		X	X		X	
PARQUE NATURAL DA SERRA DA ESTRELA (1983) 25 M	X	X	X	X	X	X	X	X	
RIO ZÉZERE (1985) 23 M	X	X	X			X	X		
RIO MONDEGO (1985) 29 M	X	X	X		X	X	X		
SERRA DA ESTRELA (1998) 28 M	X	X	X	X	X	X	X	X	
SERRA DA ESTRELA 2003 56 M	X	X	X	X	X	X	X		
AINDA HÁ PASTORES (2006) 72 M	X	X	X	X	X	X	X		
MONDEGO (2011) 15 M	X	X							
ALTITUDE (2016) 45 M	X	X	X	X		X			
SERRA DA ESTRELA NA PISTA DA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA DE 1881 38 M	X	X	X	X	X	X		X	

Fonte: Elaboração própria, 2022.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cinema e as viagens caminharam juntos desde o surgimento da imagem em movimento, pelas mãos dos irmãos Lumière (GÓMEZ, 2001) uma vez que o cinema trouxe com ele novas formas de satisfazer a curiosidade dos públicos sobre lugares e gentes distantes. Com o passar do tempo e com a evolução das duas indústrias de lazer, o cinema foi assumindo um papel relevante na construção da imagem dos destinos e, por defeito, na sua divulgação e promoção.

Neste trabalho a partir da premissa que o cinema é determinante para a construção social e promoção dos destinos turísticos procurou-se refletir o papel do gênero documental na disseminação da imagem percebida da Serra da Estrela.

Pretendeu-se aferir se os documentários analisados reforçam as imagens tradicionais da Serra associadas à neve e ao turismo sazonal, ou se pelo contrário veiculam imagens mais abrangentes que vão ao encontro das aspirações dos stakeholders locais.

Concluiu-se que o cinema documental pode ser uma ferramenta relevante na reflexão dos complexos processos de construção social da realidade e da memória coletiva dos lugares e territórios, por ilustrar os dois sentidos que esse processo imbrica. Desde logo, porque os próprios cinéfilos, no processo de recolha de informações, com vista à organização dos seus quadros de referência dificilmente conseguirão esquivar-se à impregnação das suas imagens mentais pelas memórias coletivas enraizadas nos territórios que retratam nas suas obras. Depois, porque é indubitável que as obras cinematográficas desempenham um papel determinante na forma como as audiências interpretarem e reproduzem as imagens mentais das regiões e, por essa via, reinventam as memórias coletivas.

No que concerne aos resultados obtidos, as histórias mais frequentes, as problemáticas mais comuns, as imagens mais icónicas de personagens, acontecimentos e lugares, que transpareceram da pesquisa efetuada sobre os documentários que constituíram o corpus desta análise fílmica, parecem apontar para uma certa similaridade na forma como, ao longo do período em análise, os territórios que enquadram a região da Serra da Estrela têm vindo a ser retratados.

Com efeito, as imagens mais frequentemente difundidas, destes territórios, nos documentários analisados parecem ter sido primordialmente as que surgem associadas ao clima atmosférico, em especial ao fenómeno meteorológico de queda de neve, às suas emblemáticas paisagens naturais e à suas características morfológicas únicas. Transparece a imagem de um território rural, longínquo, primitivo, umbilicalmente associado ao pastoreio e à produção do queijo da Serra que parece ser quase a única experiência gastronómica que a região tem para oferecer. O rico património histórico (militar e religioso) e as tradições locais, a oferta gastronómica e a hotelaria de referência, que os stakeholders do setor procuram promover, diluem-se numa imagem da Serra fortemente associada ao inverno e à neve.

Por outro lado, aparentemente quando se filma a Serra da Estrela as imagens associadas às sociedades modernas raramente são apelativas para os cineastas. A título de exemplo, nos documentários analisados, pese embora sejam referidas várias vezes as maiores cidades que enquadram estes territórios, a Covilhã e a Guarda, foi prestada uma ténue atenção às atividades, talvez mais características das sociedades modernas, como sejam a investigação científica ou a efervescência cultural que as instituições do ensino superior trouxeram para a região.

Quase parece que, mais de um século depois da primeira Expedição Científica à Serra da Estrela, apesar de refutados os mais funambulescos mitos que a colocaram na

rota da literatura internacional, outros se regeneram na memória coletiva da qual o gênero documental também parece ser produto e produtor.

Para a indústria turística este trabalho vem reforçar a ideia de que o papel dos documentários na formação das percepções coletivas acerca dos destinos turísticos não deve ser menosprezado na elaboração de estratégias de promoção turística. Isto porque os documentários, por não serem diretamente associados à promoção turística dos destinos, acabam por se revelar mais eficazes do que as ferramentas de promoção direta do turismo de que os potenciais turistas já se habituaram a desconfiar.

Para a teoria do turismo essas conclusões vão ao encontro das que têm vindo a emergir dos trabalhos dos autores que se dedicaram a estudar a importância do cinema ficcional na promoção dos destinos turísticos, pelo que interessaria explorar se a promoção dos destinos turísticos é influenciada pelo gênero cinematográfico.

6 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo. **La imagen de un Destino Turístico como Antecedente de la Decisión de Visita: análisis comparativo entre los destinos**. Tese (Doutorado). Badajoz: Universidad de Extremadura, 2010. Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/492>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- AUMONT, Jacques. & MARIE, Michel. **A Análise do Filme**. Lisboa: Edições Texto & Grafia Lda. 2013.
- BATISTA, Gustavo. O ensino do cinema documentário como tarefa hermenêutica. **DOC On-line: Revista Digital de Cinema Documentário**, v.27: 36-44, Covilhã, 2020. Disponível em: <http://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/index.php/doc/article/view/723>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: um livro sobre a sociologia do conhecimento**. Lisboa: Dinalivro. 2004.
- BONNEMAISON, Joel ; CAMBRÉZY, Luc & QUINTY-BOURGEOIS, Laurence. **Le lien territorial; entre frontières et identités géographies et cultures**. Paris: L'Harmattan. 1996.
- BRANDÃO, Nuno. **As Notícias nos Telejornais: Que serviço público para o século XXI?** Lisboa: Guerra e Paz. 2010.
- CARDOZO, Poliana; TALAVERA, Agustin. Imagem turística projetada em vídeos: uma proposta metodológica. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v.8.2: 4-20. 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/3666>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- CHOI, Soojin; LETHO, Xinran.; MORRISON, Alastair. Destination image representation on the web: Content analysis of Macau travel related websites. **Tourism Management**, Vol. 28, pp. 118- 129. 2007. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0261517706000446>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- COSTA, Wendell. Estetização da violência e construção do lugar-espetáculo no documentário «Em busca de um lugar comum». **Cidades. Comunidades e Territórios**, v.37, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cidades/863?lang=fr>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- DA SILVA BRITO, Antônio; VIEIRA, Vinicius; PERINOTTO, André. Cinema como ferramenta de promoção de destinos turísticos no Nordeste brasileiro. **RITUR-Revista**

- Iberoamericana de Turismo**, 9.2: 191-216, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/8448>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- DIAS, Francisco. Promoção de destinos turísticos através do cinema: a via mais eficaz. **Atas de 1st Conference on Cinema and Tourism** (pp. 7 – 14). 2010.
- DONAIRE, José. Turisme i cinema. In GIRONA, Ramón, **Cinema, Publicitat i turismo**. (pp. 145 – 153). Girona: Documenta Universitària. 2012.
- FERREIRA, Norma. Adaptação cinematográfica e promoção turística: O turismo cultural no Reino Unido. **Atas da 1ª Conferência Internacional Turismo e Cinema** (pp. 21 – 25). 2010.
- FUENTE-ALBA, Fernando; BASULTO-GALLEGOS, Oscar. An epistemology of documentary genre for social memory in Chile. **Cinta moebio** (61), 12-27, 2018. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.4067/S0717-554X2018000100012>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- GARCIA, José. **Antropologia del territorio**. Madrid: Taller de Ediciones. 1996.
- GARTNER, William. Temporal Influences on Image Change. **Annals of Tourism Research**, Vol. 13, nº 4, pp. 635-644. 1986. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/016073838690006X>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- GÓMEZ, Juan. Cine y viaje: las películas amateurs murcianas de los años cincuenta. **Cuadernos de turismo**, 2001, 8: 77-86. Disponível em: <https://revistas.um.es/turismo/article/view/22041>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- GUISSONI, Rodrigo; ALENCAR, Débora. A representação mental e social do cinema brasileiro como espaço turístico. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, 10.2: 211-236. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/10704>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice. 1990.
- MARQUES, Carlos. **A Serra da Estrela: Estudo Geográfico**. Lisboa: Assírio & Alvim. 1996.
- MARTINS, Humberto. Para Uma Antropologia Visual Do Turismo: O Uso crítico De Metodologias E Materiais Visuais. **PASOS Revista De Turismo Y Patrimonio Cultural** 14 (2). 2016. Disponível em: <http://ojsull.webs.ull.es/index.php/Revista/article/view/772>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- MERVILLE, Herman. **Moby Dick**. Global Edições, 2020. Disponível em: <https://www.globalgreybooks.com/index.html>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- MILLÁN, Ángel; GARCÍA, Juan; DÍAZ, Estrella. Film-induced tourism: A latent class segmentation based on satisfaction and future intentions. **PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 14, n. 4, p. 875-888, 2016. Disponível em: <http://ojsull.webs.ull.es/index.php/Revista/article/view/874>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo: Papirus Editora. 2005.
- NIETO FERRANDO, J.; DEL REY REGUILLO, A; AFINOQUENOVA, E. Narración, espacio y emplazamiento turístico en el cine español de ficción (1951 – 1977). **Revista Latina de Comunicación Social**, n. 70, p. 584-610, 17 oct. 2015. Disponível em: <http://nuevaepoca.revistalatinacs.org/index.php/revista/article/view/859>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- NOGUEIRA, Luís. **Gêneros Cinematográficos, Manuais de Cinema II**. Livros LabCom. Covilha. 2010.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento**

- de **História da PUC-SP**, n. 10. São Paulo, dez.-1993. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- ODIN, Roger. Filme documentário, leitura documentarizante. Significação: **Revista de cultura audiovisual**, 2012, 39.37: 10-30. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/71238>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- OLIVEIRA, Nelson. Imagem cinematográfica, construção da realidade e atratividade turística dos territórios. **Vista**, n. 2 (Junho) :224-45. 2018. Disponível em: <https://revistavista.pt/index.php/vista/article/view/3004>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- OLIVEIRA, Nelson. La construcción simbólica de la imagen de los territorios: la Serra da Estrela entre las imágenes tradicionales y la imagen turística. **PASOS Revista De Turismo Y Patrimonio Cultural** 17 (6):1159-77. 2019. Disponível em: <http://193.145.119.54/index.php/Revista/article/view/1689>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- OSÁCAR MARZAL, Eugeni. La Imagen turística de Barcelona a través de las películas Internacionales. **PASOS Revista De Turismo Y Patrimonio Cultural** 14 (4): 14.055. 2016. Disponível em: <http://ojsull.webs.ull.es/index.php/Revista/article/view/689>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- PENAFRIA, Manuela; MERINO, Francisco; MADAÍL, Gonçalo. Perspectivas de desarrollo para el documentalismo, el documental en soporte digital. **Revista latina de comunicación social**, (22), 8. 1999. Disponível em: <https://mdc.ulpgc.es/utills/getfile/collection/rldcs/id/389/filename/529.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- RAMOS, Fernão. **Mas afinal...o que é mesmo documentário?** São Paulo: SENAC. 2008.
- SANTOS, Inês ; PAULINO, Fernando. O documentário etnográfico: Da memória ao produto turístico. **Tékhné-Revista de Estudos Politécnicos**, (14), 123-135. 2010.
- SILVA, Carla. **A imagem dos destinos turísticos de montanha: olhares dos residentes e dos turistas**. (Tese de Doutorado). Aveiro: Universidade de Aveiro. 2011. Disponível em: <https://www.rcaap.pt/detail.jsp?id=oai:ria.ua.pt:10773/3802>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- WOLF, Mauro. **Los Efectos Sociales de los Media**. Barcelona: Paidós. 1994.

Filmografia

- A Serra da Estrela** / Dir. Aragão Pinto e Manuel do Amaral / RTP, Portugal / 1970 / 18 min / <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-serra-da-estrela-2>.
- A Serra da Estrela** / Dir. Hélder Mendes / RTP, Portugal / 1965 / 15:29 min / <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/a-serra-da-estrela>.
- Parque Natural da Serra da Estrela** / Dir. Jorge Cabral / RTP, Portugal / 1983 / 25 min / <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/parque-natural-da-serra-da-estrela>.
- Ainda Há Pastores** / Dir. Jorge Pelicano / Costa do Castelo Filmes, Portugal / 2006 / 72.00 min / <http://aindahapastores.blogspot.com/>
- Altitude – A Natureza da Serra da Estrela** / Dir. Aidnature/ RTP, Portugal / 2016 / 46.00 min. <https://www.rtp.pt/programa/tv/p33600>.
- Mondego** / Dir. Daniel Pinheiro / Universidade de Salford, Inglaterra / 2011 / 15.16 min / <https://vimeo.com/33465162>.
- Rio Mondego** / Dir. Emílio Pinto / RTP, Portugal / 1985 / 29.00 min / <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/rio-mondego>.
- Rio Zêzere** / Dir. Miguel Jorge Simas / RTP, Portugal / 1985 / 23.00 min / <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/rio-zezere>.

Serra da Estrela / Dir. Helena Henriques e Tânia Ferreira / RTP, Portugal / 2003 / 56.20 min / <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/serra-da-estrela-4>.

Serra da Estrela / Dir. José António Crespo / RTP, Portugal / 1998 / 27.33 min / <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/serra-da-estrela>.

Serra da Estrela na Pista da Expedição Científica de 1881 / Dir. Paula Pinheiro / RTP, Portugal / 2020 / 37:44 min / <https://www.rtp.pt/play/p7378/e492821/visita-guiada>.

The documentary cinema and the construction of reality and collective memory of tourism destinations: the case of Serra da Estrela, Portugal

Abstract

Modern societies have come to recognize an increasingly central role for the mass media in the process of forming public opinion on most everyday issues. This has been the case since the pioneering theories and studies on the effects of the media, and it continues to be the case with the most recent theories that denote a renewed look from behavioural, affective, and cognitive perspectives. This work was theoretically based on recent theories of communication, particularly the Theory of Social Construction of Reality articulated with the Theory of Collective Memory. Our purpose was to reflect how the media, particularly seventh art, can contribute do build the tourism destinations image, focusing analytical attention on the effect of the representations they convey, on the subjective perception of the reality of their audiences. We sought to assess how the most frequent stories, the most common issues, the most iconic images of characters, events, and places, present in a set of documentaries about Serra da Estrela, reflect in the Portuguese collective perceptions about these territories. For this purpose, 11 documentaries shot in Serra da Estrela, between 1965 and 2020, which took the second highest Portuguese mountain as the main actress, were analysed. The main conclusions show a similarity in the way in which, throughout the period under analysis, the territories that frame the Serra da Estrela region have been portrayed, indicating that documentaries are active agents in the formation of perceptions shaped in collective memory about these territories.

Keywords: *Documentary, Touristic Destinations, Touristic Image; Perceptions, Serra da Estrela.*

Artigo submetido em 15/11/2021. Aceito para publicação em 12/04/2022.